

A VIOLÊNCIA TRANSFIGURADA: UMA PRÁXIS DA PSICANÁLISE EM EXTENSÃO NO COLETIVO CEASM¹

Glaucia Peixoto Dunley* 

RESUMO

Esta fala teorizada foi apresentada na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, em Paris, sendo dedicada a Horus Vital-Brazil, pai simbólico de uma psicanálise sempre emancipatória, política e em crise, capaz de se espantar com o brilho do pensamento coletivo que emerge na periferia do Rio de Janeiro

Palavras-chave: coletivo; pensamento; autoemancipação; psicanálise – periferia.

TRANSFIGURED VIOLENCE: A PRAXIS OF PSYCHOANALYSIS IN EXTENSION WITHIN THE CEASM COLLECTIVE

ABSTRACT

This theorized lecture was presented at the School for Advanced Studies in the Social Sciences - EHESS, in Paris, and is dedicated to Horus Vital-Brazil, symbolic father of a psychoanalysis that is always emancipatory, political, and in crisis, capable of being astonished by the brilliance of collective thought that emerges in the periphery of Rio de Janeiro.

Keywords: collective; thought; self-emancipation; psychoanalysis; periphery.

LA VIOLENCIA TRANSFIGURADA: UNA PRAXIS DEL PSICOANÁLISIS EN EXTENSIÓN EN EL COLECTIVO CEASM

RESUMEN

Esta charla teorizada fue presentada en la Escuela de Altos Estudios en Ciencias Sociales – EHESS, en París, siendo dedicada a Horus Vital-Brazil,

* Psicanalista, médica (UFRJ), Professora Colaboradora do Mestrado Profissional de Psicanálise e Políticas Públicas – UERJ ZO, mestre em Teoria Psicanalítica (UFRJ), doutorado ECO/UFRJ, pós-doutoramentos em ECO/UFRJ, ESS/UFRJ, IMS/UERJ.

padre simbólico de un psicoanálisis siempre emancipatorio, político y en crisis, capaz de asombrarse con el brillo del pensamiento colectivo que emerge en una periferia de Río de Janeiro.

Palabras clave: colectivo – pensamiento – autoemancipación – psicoanálisis – periferia.

É com grande prazer que me encontro com vocês em Paris, brasilianistas de várias nacionalidades, neste contexto tão especial da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Agradeço especialmente à Professora Marion Aubrée por me ter dado a oportunidade de lhes vir falar de um *Brasil Vital*, iniciando com uma citação de Horus Vital-Brazil, psicanalista brasileiro, que nos deixou há dois anos, e a quem sou muito reconhecida pela grandeza de sua transmissão institucional da psicanálise.

Em “As ideologias do desejo, utopias e um inconsciente político” (Vital-Brazil, 1994), Hórus afirma que a psicanálise – tanto em intenção quanto em extensão – é uma teoria emancipatória por excelência, e que esta emancipação começa com o reconhecimento de que no mundo vivido das significações nada existe que não seja social e histórico, e que tudo é, em última análise, *político*. Esta psicanálise emancipatória, inclusive do social, segundo ele, não se recusa a considerar valores, e se embrenha na dimensão social como uma forma de análise crítica. Ao que eu gostaria de acrescentar, podendo ultrapassar-se como *teoria crítica da cultura*, na construção comum com outros saberes de uma *clínica da cultura*, ao reunir ética e política, em torno de seu *construto* fundamental – o inconsciente.

Esta instância psíquica pode ser qualificada de *política*, uma vez que, através dela, se tecem transindividualmente os laços sociais que nos determinam, à nossa revelia, sendo então responsável pelas incontáveis contradições e paradoxos aos quais estamos submetidos em nossa interação diária com o outro. O outro como aquele que não será nunca inteiramente conhecido, assimilado por qualquer forma de apropriação, e que, portanto, permanecerá para sempre fora de controle, suscitando em sua direção as forças de expropriação, de dominação e de aniquilamento por parte do outro homem e das instituições que privilegiam o poder pelo poder. Forças que se expressam através das

mais variadas formas de violência, inclusive na violência monopolizada oficialmente pelo Estado, ou pelas formas cruéis e oficiosas do racismo de Estado (Foucault, 1973).

A psicanálise está sempre em *crise*, o que, em grego antigo, significa que ela está sempre em condições de emitir juízos, julgamentos e decisões, e não de se omitir, afastando de si, eticamente, o ceticismo da neutralidade. Isto supõe que ela possa construir, na fronteira com outros saberes e práticas, um presente e um porvir norteado pela direção de Justiça – que não é o mesmo que Direito² –, abrindo-se às experiências emancipadoras da ordem hegemônica neoliberal que acontecem em todo o mundo, mais precisamente a partir dos anos 1980, quando se acirraram as desigualdades e a violência impingidas a praticamente todo o mundo capitalista pelo desejo irrefreado de poder de uma única nação.

Para poder se assumir como participante crítica dos processos contra-hegemônicos, ou como ainda como campo de resistência à supremacia do capital e ao seu séquito de mazelas – que se apropriam do social tanto da forma mais explícita quanto da mais capilar ou infiltrante –, a psicanálise precisa efetuar um salto em direção a outros campos do saber e de suas respectivas práticas, para engajar-se eticamente com eles nessa transformação necessária, ou melhor, compulsória, exigida pelos grandes desafios contemporâneos, principalmente os referentes aos acontecimentos cruéis de nosso tempo.

Sendo a crueldade psíquica *o próprio* da psicanálise (Derrida, 2001), isto talvez a habilite a exercer uma função de mediadora destes acontecimentos, procurando articular-se com outros campos³, e desencadear transformações, mutações, efeitos de toda ordem, a partir de trocas ou de interlocuções realmente transversais. Isto é, trocas da ordem da *transdisciplinaridade* – sem hegemonias –, nas quais o que está em questão não é mais um saber particular que se coloca como um fim em si – o que talvez aconteça nas trocas *interdisciplinares* nas quais as disciplinas ainda permanecem soberanas, verdadeiros domínios –, mas *um problema* que afeta a todos e, portanto, exige uma responsabilidade coletiva por parte dos diversos saberes na sua elucidação e encaminhamento. Por exemplo, nosso problema aqui é a violência urbana e nas periferias das grandes cidades, que atinge a todos no mundo globalizado, das mais

variadas formas e de maneira crescente, como atingiu Paris e outras cidades da França e da Alemanha há dois anos, ou seja, em 2005. Trata-se então de desejar, autorizando, que se crie uma ética do comum, capaz de destituir supremacias, sejam elas da ordem do saber ou do poder econômico de certas nações sobre outras, criando outras formas de vínculo, para além do individualismo e da exploração da natureza, para submetê-la à razão científica, assim como do homem pelo homem, signos de um pensamento e de práticas caracteristicamente modernas, capitaneados pela tecnologia lá se vão quatro séculos...

Hoje, gostaria de começar a falar para vocês das possibilidades de um novo tempo, contemporâneo, que, embora englobe o ceticismo pós-moderno, olha e se move em outras direções, buscando e encontrando o novo que surge subversivamente onde menos se espera: nos movimentos sociais que nascem nos espaços periféricos pobres, nas favelas dos países emergentes, como o meu, apresentando o poder performativo das multidões destituídas, que afirmam a vida e os valores democráticos. Entre eles, o acesso ao saber através da cultura e da educação, partilhando com o restante da sociedade aquilo que é patrimônio nacional, e, portanto, comum, e endereçado a todos.

Lembrando que a análise crítica sempre convoca à ação, ao ato simbólico e às suas consequências, pretendo aqui, a partir da psicanálise, introduzir um pensamento a serviço do comum⁴, deste “comum” ainda bastante desorganizado no Brasil, mas que tenta se organizar. Dele, falam como uma aspiração a realizar, como um sonho, um voto, as populações das favelas ao se autodenominarem “comunidades”. Desse modo, os moradores das “comunidades” abandonam por própria conta o estigma presente no nome *favelados*, se autodeterminando como construtores deste comum, aberto a todos que quiserem participar. Nisto, em muito se diferenciam das estratégias mortíferas que lhes foram endereçadas pela trama oficial e oficiosa do extermínio, da exclusão da qual são e foram vítimas, do racismo de Estado que “escolhe” as populações descartáveis, matáveis. É, portanto, de uma beleza trágica, mesmo sublime, ver como estas multidões transformaram o horror de sua existência em realidades múltiplas e ricas, laboriosas, e antes de tudo, vitais, integradoras e agregadoras, subvertendo a posição subjetiva de vítimas para a de sujeitos ativos, criativos, jamais ressentidos.

Ocupando um lugar bastante freudiano de intérprete da cultura, tomarei como figura exemplar, ou fonte de pensamento para uma reflexão em torno dos movimentos sociais nascidos em favelas do Rio de Janeiro, a contribuição crítica e autoemancipatória realizada de forma inusitada pela Ong Ceasm (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré). Esta Ong, criada por um grupo de moradores recém-formados em universidades públicas estaduais, federais, ou ainda particulares, como a PUC, vem criando e desenvolvendo, há onze anos, uma verdadeira práxis cuja meta é a transformação social daquela região através do acesso coletivo aos bens culturais, educacionais e políticos, por eles considerados, com justiça, patrimônio de todo o povo brasileiro.

Ao acompanhar durante alguns anos seu trabalho, por ocasião de um pós-doutoramento na Escola de Comunicação da UFRJ, pude constatar que o Ceasm vem impulsionando extraordinariamente o processo de dissolução do estigma que envolve as populações faveladas no Rio de Janeiro. Em meio a uma grande adversidade – em que se destacam níveis extremos de violência por parte das várias facções de tráfico em guerra entre si, e a truculência policial – os participantes se mostram capazes de criar brilhantemente novas formas de sociabilidade em rede, fazendo de seu projeto um exemplo de autoemancipação e de potência transformadora, não só local, mas também global, inspirando possibilidades semelhantes em países emergentes e do terceiro mundo.

Deste modo, procuro trazer aqui uma psicanálise capaz de acompanhar o criticismo local que partiu de um grupo especial de moradores, todos graduados em universidades públicas, em torno das condições de desigualdade de acesso à educação e à cultura, e constituir novas formas de fazer laço social ao levar aquelas populações periféricas a pensarem e a construírem sua memória, à comunicação social/comunitária, à educação/fazer laço social ao propor e se envolver com *táticas de desvios* ou *meios indiretos* para contornar, fazendo resistência, as forças destrutivas humanas, entre elas, a vontade de dominação ou de apoderamento do outro, indissociavelmente ligada à crueldade física e psíquica presentes nas várias formas de exploração, extermínio, exclusão, tortura, abandono, destituição. Esta expressão “meios indiretos” foi utilizada por Freud em sua correspondência com Einstein (Freud, 1932), quando este, chocado

pela capacidade humana de aniquilar e de exterminar em massa durante a Primeira Guerra, escreve a Freud perguntando-lhe como explicar este massacre entre povos irmãos, e se seria possível impedi-lo ou minorá-lo. Freud responde-lhe dizendo que as pulsões destrutivas (pulsões de morte/*Thanatos*) são constitutivas do humano, sendo, portanto, inextirpáveis e indestrutíveis, mas que poderiam ser combatidas por *meios indiretos*. Ou seja, ele nos deixa pensar que estes *meios indiretos* sejam táticas movidas pelas pulsões de vida (*Eros*), construtivas, vinculativas, ou ainda *agenciamentos* que possam talvez relativizar o horror ou o ódio ao outro pela sua diferença. Considero que os participantes desta Ong são *mestres* neste ofício de criar “meios indiretos”, “táticas de desvio” da luta violenta pela apropriação sem violência de seus direitos, com nível zero de retaliação, como é o caso da maioria das lutas comunitárias, no fundo, totalitárias, que se espalham pelo mundo.

Retomo, agora, com mais detalhes, minha fonte para esta “clínica da cultura”, nomeação que me inspirou o trabalho da Ong Ceasm e suas novas gerações, ao ver e meditar sobre suas contribuições surpreendentes para a sociedade brasileira, que nos abrem o pensamento para conceber, com eles, a construção subversiva de uma ética extraída de experiências comuns, cotidianas, desejadas por populações sofridas, que pensaram e colocaram em ação coletivamente uma forma autoemancipatória de transformação de seu território, situado na periferia do Rio de Janeiro, mas constituída por migrantes de vários estados do Brasil – de um Brasil miserável.

“Clínica da cultura” significa *tratar* o laço social falido, esgarçado no contemporâneo – consequência importante de todas as misérias e desigualdades trazidas pelo culto ao individualismo e ao capital na modernidade. *Crítica e clínica* compõem o trabalho admirável desta Ong, através da construção de uma práxis autoemancipatória local, que não admite o assistencialismo, erguendo-se soberana em suas diversas parcerias. Evidentemente, neste nome ressoa uma escuta psicanalítica, ou mais do que isso, uma parceria entre mim e eles, pois foi possível atribuir e construir sentidos não percebidos para toda esta luta, revelando sua potência de disseminação para outras comunidades, outras regiões de pobreza e abandono do Estado.

Esta Ong não é o único movimento social nascido das favelas ou das periferias pobres no Rio de Janeiro, mas ela apresenta condições bastante singulares que me levam a pensar nas possibilidades que temos contemporaneamente para constituir um novo pacto social referido à ideia de *comum*, e não mais a um social dividido em classes, fragmentado pela experiência capitalista perversa do neoliberalismo. O Ceasm ousou ter como perspectiva – para as dezesseis comunidades que constituem o Complexo da Maré – uma emancipação da pobreza local através de projetos culturais e educativos, que não ficasse submetida à assistência ou à responsabilidade de um Estado brasileiro demissionário, ou pelo menos bastante ambivalente quanto à sua política em relação às camadas mais pobres da população brasileira – até o governo Lula.

Do mesmo modo, pretendeu-se uma emancipação das condições de extrema adversidade e violência, com perda da liberdade de ir e vir, causada pelo tráfico de drogas fortemente armado no Brasil, sobretudo nesta parte da cidade. Para tanto, os realizadores deste vasto programa se lançaram neste projeto de transformação sob a modesta retórica de Desenvolvimento Local – criando uma gama de valores para este território onde até então campeava o desamparo, o abandono – no sentido forte de lançar alguém ou uma população a um bando, aos bandidos, o que foi precisamente o caso.

Considerar seu trajeto como uma utopia em vias de realização deve-se ao fato de constatar e testemunhar as formas pelas quais estas populações afirmam tragicamente a vida, suas forças, seus valores, a despeito dos grandes obstáculos, impasses e impossibilidades. Espero poder mostrar nas linhas que se seguem que esta utopia contemporânea – na realidade, a utopia de uma democracia por vir – está se realizando como *uma ética de fronteira entre moderno e contemporâneo*, na qual o culto ao individualismo próprio à modernidade é superado pela ideia de *comum*, e a conquista de direitos e responsabilidades compartilhadas é realizada de forma inédita, pois, no lugar da violência, da reivindicação reativa, ela se apoia em valores da solidariedade, do dom, da hospitalidade, da justiça como impossível, mas sempre buscada, e do perdão quando é impossível perdoar... Características talvez de um tempo que se abre para experiências coletivas não hipnóticas, isto é, livres do ópio dos Grandes

Líderes, e no qual a estranheza que o outro sempre desconhecido nos suscita pode passar a ser signo de uma transcendência não mais referida a valores divinizados.

A Favela da Maré é um território que se estende por 800 quilômetros quadrados, onde 132 mil pessoas coabitam com todas as facções de tráfico do Rio de Janeiro. *Os senhores do tráfico* delimitam seus feudos, impondo uma espécie de *pedágio armado* nas fronteiras de seus territórios firmados em torno da droga, o que impede a livre circulação das populações pelas diferentes comunidades do Complexo da Maré. A isto se acrescenta o confronto quase diário entre traficantes e uma polícia militar violenta, treinada nos EUA durante a ditadura militar (de 64 a 85), confronto que torna refém toda esta multidão, aterrorizando-a, assassinando-a no acaso das balas perdidas ou das execuções sumárias de “suspeitos” – geralmente jovens, pretos e pobres. A relação polícia/traficante reflete a “política de segurança” a serviço do racismo de Estado brasileiro, e do racismo em geral, que se oculta falaciosamente sob o mito da cordialidade brasileira.

Em outras palavras, o trabalho realizado por esta Ong materializa a *utopia contemporânea* de inventar e desejar o impossível para além de uma soberana crueldade local, nacional, e global. Este “desejar o impossível” se realiza brilhantemente nas estratégias e táticas pensadas e colocadas em ação pelos fundadores e demais participantes desta Ong, criando um projeto efetivamente coletivo sob a forma de várias redes que se interconectam e se potencializam.

O Ceasm foi fundado por um grupo de oito moradores da Maré, oriundos daquele território, com exceção de um. Acabavam de sair da universidade e tomaram, em conjunto, a deliberação de realizar o “desenvolvimento local” daquele território, ao invés de abandonar a região, em busca de horizontes menos adversos. Ou seja, foram capazes de reconhecer a dívida que todos temos com o outro. Este pilar de fundação do Ceasm, feito de “atos e palavras” marcou o *retorno* dessas pessoas ao território sem que jamais tivessem partido da Maré. Neste retorno, pulsava o desejo de realizar com aquelas populações as metamorfoses necessárias para o acontecimento ou o advento do comum, compreendido como uma vinculação ética entre pessoas, fundada na dívida simbólica referida anteriormente, que cada um tem com o outro de forma compulsória

– mesmo que seu reconhecimento seja denegada ou recusado –, e que passaremos a examinar mais adiante. Sendo uma ética do dom, mais do que uma simples troca ou reciprocidade, **a ética do comum é uma ética da desmesura**, do excesso e não de uma racionalidade instrumental.

Considere que o nome “desenvolvimento local” tenha sido uma astúcia empregada pelo grupo fundador para colocar o capitalismo em seu estágio atual a serviço das transformações necessárias à região, transformações que ultrapassam em muito a emancipação da pobreza e da violência. O projeto do Ceasm é um projeto axiológico, baseado na disseminação de valores que possam contribuir para constituir outra mentalidade – uma *práxis* do comum –, que recuse as supremacias e os individualismos em vigor na modernidade, que só conseguiram trazer um incremento do mal-estar no contemporâneo. Ou seja, a retórica do “desenvolvimento local” *compõe* com o “desenvolvimento sustentável”, que surge na década de 90 como face humanizada do neoliberalismo, posta em prática depois que seus mentores constataram a devastação econômica e social que esta “política econômica” causou mundo afora a partir do Consenso de Washington (1993). A partir dele, os E.U.A. impingiram ajustes estruturais às economias de praticamente todos os países capitalistas desenvolvidos, emergentes, ou claramente subdesenvolvidos que *pagaram a conta* da dívida pública norte-americana, endividando-se por sua vez, e aprofundando problemas de ordem estrutural como a pobreza, a desigualdade de toda a sorte e a violência. Países em desenvolvimento como o meu, e vários outros da América do Sul, às voltas com o processo de redemocratização, pagaram e ainda pagam efetivamente caro a crueldade capitalista. Assim, “desenvolvimento local” é um nome inadequado para seu programa, pois ele não está à altura das dimensões constituintes do projeto humanista e humanitário do Ceasm, que não se faz sobre ilusões, mas com muita esperança. Segundo René Char, “resistência nada mais é do que esperança”. O nome do programa deveria ser “Aqui se pratica o impossível... aqui se vai além da soberana crueldade”.

Seus objetivos se materializam de diversas maneiras, entre eles aprimorar o ensino público gratuito nas escolas da Maré do primeiro ciclo, aumentar a entrada de estudantes oriundos das camadas menos favorecidas nas universidades. A universidade pública no Brasil ainda é

um lugar destinado a uma elite bem preparada nas escolas particulares. Seu projeto visa igualmente a construir a memória local, integrada à história da cidade do Rio de Janeiro e do país.

Consideramos que o Programa ou Rede Memória constitui um verdadeiro instrumento de transformação do social em comum, uma vez que a construção de uma memória coletiva, a partir das narrativas singulares dos moradores da Favela da Maré, libera os afetos petrificados por uma história de dominação e de segregação dos saberes locais, que acabou determinando a exclusão dessas comunidades dos circuitos de trocas culturais, econômicos e políticos da cidade. Esta emancipação dos afetos permite às multidões heterogêneas que constituem a Maré estabelecerem novos vínculos de identificação com seu território. Vários outros programas e projetos criativos estão em andamento, assim como uma série de atividades estruturadas em rede – memória, educação, cultura, trabalho, comunicação, observatório social –, que partilham e amplificam as informações através de um número crescente de participantes deste projeto maior.

Pretendo mostrar a seguir com mais detalhes o território, o estigma e a transfiguração da violência. A fama/estigma da Maré é, entre outros, consequência dos precários indicadores sociais que caracterizam a região localizada junto à Baía da Guanabara, à Avenida Brasil e às principais vias de acesso à cidade, inclusive o Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim. A faixa de 800 km quadrados pela qual se estende o Complexo da Maré possui uma presença significativa e negativa no imaginário carioca. Durante décadas, boa parte das moradias se constituía por palafitas – habitações precárias suspensas sobre lama e água – num contraste aberrante com as modernas arquiteturas do Aeroporto Internacional e da Cidade Universitária/UFRJ. Este fato contribuiu para uma visão generalizada da região como um espaço miserável, violento e sem condições dignas de vida.

Em minha memória de estudante universitária, na década de 1970, elas estavam lá, terríveis, quando eu fazia o percurso de ida e volta à Faculdade de Medicina, já na Cidade Universitária. Esta visão inesquecível podendo explicar o meu “retorno”, décadas depois. A Maré é formada por uma população de negros, mestiços e migrantes, principalmente nordestinos, mas também vindos de Minas Gerais, Espírito Santo e do interior do Estado, com pouca escolaridade,

qualificação, e baixa renda familiar. Dentre as 28 favelas do Rio, a Maré está em 11ª posição no índice Qualidade de Vida Urbana. Quanto aos itens básicos de infraestrutura (água, luz, esgoto), a Maré conquistou importantes avanços nos últimos 20 anos. O mesmo não ocorreu no campo econômico e cultural. A favela recebe o nome de Complexo não apenas pelas suas comunidades distribuídas por 800 km², mas, cabe-nos ressaltar, igualmente pelo sentido da diversidade de grupos, de pessoas, e de práticas na realidade cotidiana da Maré. Ou seja, constituindo uma realidade complexa e diversificada, que em nenhum momento teria justificado sua (má) reputação generalizada.

Analisar o processo de formação do Bairro Maré (bairro a partir de 1994) e Trigésima Região Administrativa a partir de 1988 – primeira Região a abranger exclusivamente uma área de favelas e a se transformar num dos maiores complexos de comunidades populares da América Latina – é percorrer os meandros da exclusão social no Brasil

O Ceasm foi fundado como uma associação civil sem fins lucrativos em agosto de 1997, depois de iniciar suas atividades com um pré-vestibular comunitário que conseguiu levar mais de 500 estudantes às universidades ao longo de seus primeiros anos, e atualmente atinge milhares de moradores com vários projetos diferenciados que se estruturam em redes, a que já me referi. As redes conectam estratégias para integrar o saber local ao regional e ao nacional. Para isto, os jovens e demais moradores da Maré recebem bolsas, orientação e formação profissional, ética e política – sua forma de interpretar e realizar uma formação para a cidadania.

Essas atividades são desenvolvidas a partir de parcerias realizadas com os poderes públicos, empresas públicas e privadas, Ongs, instituições e pessoas físicas. Com a presença do Ceasm no cenário social da Maré, criou-se uma nova perspectiva em relação à participação social e à aquisição de bens culturais como caminho para uma conquista deliberada da cidadania. Hoje, além de ocupar um prédio de três andares no morro do Timbau, o Ceasm tem outro espaço que é a Casa de Cultura onde está instalado o primeiro Museu de Favelas do país – Museu da Maré. Antes de completar onze anos de existência, a rede Educação continua sendo sua rede mais notória. Além delas, funcionam as Redes Memória, Retem (Trabalho e Educação), Cultura, Comunicação, Observatório. Esta estruturação

em redes temáticas favorece o desenvolvimento de projetos distintos e articulados. Inicialmente, o funcionamento em redes estruturou:

REDE EDUCAÇÃO

Como foi dito anteriormente, é a principal rede do Ceasm. Ela materializa o ideal de se construir a cidadania através de uma educação mais participativa, crítica e solidária. Ela inclui o curso pré-vestibular da Maré, cursos preparatórios para a 5ª série e para o Ensino Médio, o núcleo de línguas da Maré, duas bibliotecas, um Laboratório Didático e dois Laboratórios de Informática.

REDE TRABALHO E EDUCAÇÃO DA MARÉ (RETEM)

É uma rede estratégica do Ceasm, incluindo cursos, programas, monitorias e oficinas profissionalizantes, que tem o objetivo de oferecer aos jovens da Maré os recursos para a sua integração social, qualificação para o mercado de trabalho e para o exercício pleno da cidadania. Em fase de execução existem os seguintes projetos: curso de informática; oficinas de vídeo, fotografia, serigrafia e *design* gráfico – que fornecem os fundamentos técnicos e artísticos de uma produção audiovisual; curso preparatório para concurso público.

REDE CULTURA

Tem por objetivo desenvolver, estimular e resgatar atividades culturais do bairro, valorizando a memória e a identidade do morador. Ela realiza atividades como dança contemporânea, teatro, capoeira, artes em geral, com oficinas dirigidas aos adolescentes e jovens da Maré. São programas atualmente desenvolvidos: Oficinas Culturais com teatro, dança, orquestra, percussão. Um teatro multiuso é usado também para palestras, exibição de filmes, e outros.

REDE COMUNICAÇÃO

Partindo do princípio que qualquer programa social precisa contar com múltiplos recursos da comunicação, esta rede tem em vista um projeto amplo: construir um sistema de Comunicação Comunitária que englobe

as diferentes mídias e formas de linguagem (jornal, rádio, TV, publicações impressas e mídia eletrônica). É objetivo desta rede construir um sistema de comunicação local, gerador de um fluxo de informações que são mediadas de modo a auxiliar os moradores na conquista da cidadania e na descoberta dos valores práticos coletivos. Desse modo, a partir da construção de um sistema de comunicação local, essa rede pretende fazer a comunicação com outras redes do Ceasm, como a parceria com o Centro Imagem Nação Maré que articula as redes Memória e Educação, a partir da qual se produz cartilhas, *folders*, livros e vídeos para circulação dentro e fora da Maré. Destaca-se nesta rede o jornal do bairro – *O Cidadão, o Jornal Comunitário da Maré* – com vinte mil exemplares distribuídos gratuitamente através da parceria com a Ediouro em quase todas as dezesseis comunidades da Maré, conduzido por jovens moradores da própria comunidade que antes foram alunos do curso pré-vestibular do Ceasm. São propostas da Rede Comunicação junto à Comunidade da Maré: prestar informações de utilidade e natureza educativa; integrar o morador ao espaço cultural e territorial do bairro, resgatando práticas cotidianas que correspondem à sua identidade, através de instrumentos utilizados inclusive pela mídia convencional global; divulgar o trabalho de grupos e instituições voltadas para a construção da cidadania; colaborar para a transformação do bairro em grupo ativo, participando dos veículos de comunicação, das iniciativas solidárias, das questões comunitárias e, também, da cidade do Rio de Janeiro e da sociedade global.

REDE MEMÓRIA

Foi criada com o objetivo de documentar a ocupação da área, fazendo História do Brasil. Procura resgatar aspectos que constituem fragmentos da identidade de seus habitantes, refazendo esta História pelo lado dos destituídos. Ao reunir dados históricos, socioeconômicos e culturais sobre as comunidades locais, esta rede pretende dar a conhecer aos próprios moradores as suas práticas cotidianas e suas lutas desde sempre. Ela está organizando todo o acervo existente da Maré reunindo documentos, fotos, vídeos, artigos de jornais e revistas, trabalhos acadêmicos que relatem os mais diversos aspectos da vida e

da história do bairro. Faz ainda o levantamento do material existente em acervos públicos e particulares, tendo o registro da história oral como prioridade desta fase do trabalho. Depois de catalogado, todo o acervo pretende ser divulgado através de palestras, exposições e outros eventos, nas escolas e nos demais espaços da própria Maré, porém nos últimos dois anos todo este material tem ficado exposto no Museu da Maré que já conta com mais de 15 mil visitas em menos de dois anos de existência. Essa rede procura fortalecer os vínculos comunitários entre os moradores da Maré, não mais o vínculo pelo estigma da discriminação e da marginalização, mas pelo sentido comunitário, de pacto coletivo para a construção da identidade histórica e cultural dos moradores. São projetos da Rede Memória:

- O centro de documentação e referência da Maré (Centro Dona Orosina). Ocupa-se da coleta e processamento das informações sobre o bairro, em diversas linguagens (fotos, vídeos, documentos, estudos acadêmicos e relatos dispersos sobre a história oral dos moradores). Esta pesquisa é conduzida pelo pesquisador Antônio Carlos Pinto Vieira, mestre em Memória Social (UNIRIO), coordenador da rede, e realizada por seus monitores – todos participantes do Ceasm. Este trabalho iniciou-se no Arquivo Geral da Cidade, onde foram catalogados mais de 200 títulos, seguindo pela Biblioteca Nacional, e por outros grandes acervos do Rio. O nome personalizado deste centro deveu-se à história da primeira moradora do Morro do Timbau – Dona Orosina –, que resistiu à remoção iniciada com o governo Vargas. De seu próprio punho, escreveu ao presidente Getúlio Vargas, reclamando para si o direito de ter a posse de seu terreno – o que foi conseguido.
- História oral da Maré (em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz). Visa a documentar a história local pela ótica pessoal dos que a viveram.
- Sala de consulta. Localizada na sede do Ceasm, tem como objetivo criar uma integração maior entre as populações da Maré e a Rede Memória.
- História da Maré na Escola. Procura inserir no programa das escolas da Maré, a história do bairro desde o Descobrimento até os dias de hoje. Muitas dessas aulas são dadas por fundadores do Ceasm ou por membros da “nova geração”.
- O Museu da Maré é o clímax dessa rica produção de pensamento e

ação autoemancipatória realizada pelo Ceasm como um todo, mas muito especialmente pela rede

- Memória. Foi inaugurado em maio de 2006 e agraciado com os principais prêmios de cultura do Brasil. Recebe exposições dos principais museus do país.

NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA SOCIAL DA MARÉ (NEPES)

O NEPES da Maré funciona como centro produtor, receptor e difusor de material informativo sobre o bairro. Sua formação deu-se realmente com a realização do Censo Maré, realizado pelo Ceasm em parceria com a Prefeitura do Rio, com o BNDES, e instituições acadêmicas. Através do Censo, o NEPES obteve dados históricos, socioeconômicos e culturais das populações da Maré.

Pode-se dizer que a ação política do Ceasm opera numa perspectiva dialógica entre poder local e global, em que as inserções do morador nas tendências sociais da globalização deverão lhe trazer níveis de cidadania mais plenos. Esta característica dialógica neutraliza as principais críticas dirigidas aos movimentos de cunho comunitário que, por muitas vezes, envolvem conservadores e fanáticos (políticos ou religiosos). No poder local, são prioritárias as formas de construção da memória e da cultura local e o estudo das formas de intercâmbio cultural com o resto da cidade/sociedade, a partir das práticas cotidianas locais.

Essa forma de atuação busca a criação de canais que possibilitem uma percepção positiva do vínculo comunitário, porque às vezes ele não é visto. Ou é visto pelo negativo, pelo medo, pelo terror, pela exclusão, pela discriminação e pela vergonha. Prioritariamente, estes vínculos comunitários constituídos pelas interações dentro e fora do Ceasm são vínculos afetivos, feitos de investimento libidinal em torno de ideais e práticas comuns para conseguir as transformações necessárias em uma temporalidade criativa, que se prevalece do momento oportuno, sem a violência e a ganância pelo tempo, ditadas pela pressa tão urbanas a que estamos acostumados.

Considero que projetos como o do Ceasm sejam capazes de materializar esta utopia maior em tempos de profunda descrença no homem: a de uma multidão destituída dos bens coletivos, que *se torna*

ativa para serenamente conquistar o direito à cultura e, através dela, construir o seu lugar, sua história e o seu pertencimento ao seu tempo. Mais do que isso, o projeto do Ceasm tem como um dos seus desafios mais importantes e difíceis o de conciliar a utopia individual à utopia coletiva. Ou seja, é a partir de um lugar conquistado por cada participante na realização desta transformação em curso – o que lhes dá extrema alegria e vitalidade, pelo sentido de pertencimento à sociedade brasileira – que o grupo vislumbra e age na direção da transformação coletiva do território, sempre integrado ao resto da cidade e ao país.

Considero que o projeto do Ceasm possui a potência de suscitar efeitos multiplicadores de sua experiência privilegiada, através de trocas com outras comunidades, e agimos nesta direção no caso da Comunidade Vila Pereira da Silva, em Laranjeiras, Rio de Janeiro¹³, anteriormente conhecida como *Pereirão*, devido ao estigma da ocupação durante anos pelo tráfico de drogas.

Partindo para uma visada mais teórica, passei a me perguntar em que o Ceasm pode nos ajudar a pensar e a dar uma consistência mais teórica às forças e motivações em jogo nos movimentos sociais nascidos nas favelas do Rio de Janeiro. Assim também a me questionar como ele escapa dos esquemas de “inclusão social” – refém do neoliberalismo “humanizado” – para criar o novo? Esta experiência vital para tantos e para mim tornou-se emblemática, na longa duração do tempo vivido, da transformação de uma crítica social feita localmente por moradores do território da Maré nos anos 2000 elevada à categoria de uma “clínica social” que se baseou em outras formas de fazer laço, reconhecendo a dívida simbólica, inclusive na sua face de território usado, na expressão de Milton Santos.. Elas dizem respeito ao comum, e a colocar o pensamento a serviço do comum, norteadando práticas de onde possam surgir sujeitos éticos à luz dos coletivos. Destacando aqui, para concluir, a carga de provocação exemplar que a vida destas comunidades lança ao presente e ao futuro das grandes cidades.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (1993). *A comunidade que vem*. Presença.
- Derrida, J. (1997). *De l'hospitalité*. Calmann-Lévy.
- Derrida, J. (2001). *Estados-da-alma da psicanálise: O impossível para além da soberana crueldade*. Escuta.
- Dunley, G. (2001). *O silêncio da Acrópole: Freud e o trágico: Uma ficção psicanalítica*. Forense Universitária/Fiocruz.
- Dunley, G. (2005). *A festa tecnológica: O trágico e a crítica da cultura informacional*. Escuta/Fiocruz.
- Dunley, G. (2006). O patrimônio da memória das comunidades da Maré: Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. *O Prelo: Revista de Cultura da Imprensa Oficial e Órgão do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro*, 3(9), 11.
- Dunley, G. (2006). O pensamento a serviço do comum: Uma utopia em realização na Favela da Maré. *Tempo Psicanalítico: Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle*, (38), 181–199.
- Dunley, G. (2006). Museu da Maré: Memória da resistência. *Revista Global*, (9), 44–45.
- Dunley, G. (2009). Um compromisso com o futuro da psicanálise: Resenha de *Ensaio sobre o dom*, de Marcel Mauss. *Percursos: Revista de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae*, (43).
- Espósito, R. (2003). *Communitas: Origen y destino de la comunidad*. Amorrotu.
- Esteves, A. (2004). *O cidadão: Um jornal comunitário na era da globalização* [Dissertação de mestrado, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Foucault, M. (2005). *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975–1976)*. Martins Fontes.
- Freud, S. (1973). *Obras completas*. Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1973). Introducción al narcisismo. In *Obras completas* (Vol. 2, pp. 2017–2033). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1973). Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte. In *Obras completas* (Vol. 2, pp. 2101–2117). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1915).

- Freud, S. (1973). El malestar en la cultura. In *Obras completas* (Vol. 3, pp. 3017–3067). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1929–1930).
- Freud, S. (1973). El porqué de la guerra. In *Obras completas* (Vol. 3, pp. 3207–3215). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1933).
- Godelier, M. (1996). *L'énigme du don*. Flammarion.
- Haddock-Lobo, R. (2004). As muitas faces do Outro em Lévinas. In *Desconstrução e ética: Ecos de Jacques Derrida* (pp. 165–192). PUC-Rio/Loyola.
- Lazzarato, M., & Negri, A. (2001). *Trabalho imaterial: Formas de vida e produção de subjetividade*. DP&A.
- Lévinas, E. (2005). *Totalidade e infinito* (J. P. Ribeiro, Trad.). Editora 70. (Trabalho original publicado em 1980).
- Mauss, M. (2001). *Ensaio sobre a dádiva*. Editora 70. (Trabalho original publicado em 1950).
- Negri, A. (1993). *A anomalia selvagem: Poder e potência em Spinoza*. Editora 34.
- Negri, A. (2002). *O poder constituinte: Ensaio sobre as alternativas da modernidade*. DP&A.
- Negri, A. (2003). *Kairòs, Alma Venus, Multidão: Nove lições ensinadas a mim mesmo*. DP&A.
- Negri, A., & Hardt, M. (2004). *Multidão: Guerra e democracia na era do Império*. Record.
- Nietzsche, F. (2005). *A gaia ciência* (P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1882).
- Ortega, F. (2002). *Para uma política da amizade: Derrida, Arendt, Foucault*. Relume-Dumará.
- Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: Um novo paradigma estético*. Vozes.
- Vital-Brazil, H. (1994). As ideologias do desejo, utopias e um inconsciente político. In *Desejo, barbárie e cidadania* (pp. 17–39). Vozes.
- Vital-Brazil, H., & Pellegrino, H. (1974). *Psicanálise em crise*. Vozes.
- Vital-Brazil, H. (1998). *O sujeito da dúvida e a retórica do inconsciente*. Imago. (Trabalho original publicado em 1988).

NOTAS

- ¹ Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. Este texto foi apresentado em conferência na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, Paris, em 17/10/2007, no contexto do *Centre de Recherche sur Le Brésil Contemporain / Groupe de Réflexion* coordenado pela Profa. Marion Aubrée. Foi também a base da apresentação em mesa-redonda no *II Congrès Européen en Psychanalyse et Travail Social*, em 9/10/2007, Montpellier.

Submetido em: 07/03/2026

Revisado em: 08/04/2026

Aceito em: 10/04/2026